

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA e a literatura: uma experiência comprometida com a legitimidade da produção artística afro-brasileira

Lidia Noronha Pereira¹

INTRODUÇÃO

A literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem

VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA

O presente exposto busca apresentar uma atividade acadêmica de extensão realizada na UEMG Campanha, durante o segundo semestre de 2018. Tal atividade se deu através de um curso, intitulado “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte”, tendo, como propósito, a criação

de espaços para aprendizagens, leituras e debates para que o sujeito contemporâneo possa, além de compreender diversas formas de expressão literária, conhecer a produção literária do sujeito afro-brasileiro, pouco difundida e trabalhada.

Assim, a proposta do curso versou sobre a produção da literatura afro-brasileira, tanto aquela considerada clássica, advinda de academias e inseridas em determinadas estéticas literárias, quanto a produzida à margem, nos guetos, nas periferias, no interior. Diante disso, buscou-se saber e conhecer quem é o sujeito negro e/ou afrodescendente que escreveu e que escreve literatura no Brasil, qual a sua produção, quais as temáticas, quais os estilos, quais épocas e períodos a que suas produções se inserem e são inseridas. Houve, então, a intenção de difundir a produção literária em prosa e em poesia do negro de ontem e de hoje, apresentando efeitos de sentido de sua inscrição artística por vias da subjetividade na e pela escrita.

O público participante do referido curso foi constituído por alunos da graduação da UEMG, unidade Campanha, alunos do ensino médio da rede pública e particular, professores da rede pública e privada, artistas, escritores, estudiosos e demais interessados sobre o assunto em questão. Dessa maneira, totalizando em 30 participantes inscritos, o curso contou com um público heterogêneo constituído por sujeitos advindos de diversos segmentos sociais que compõem a sociedade campanhense.

Enquanto uma atividade de extensão universitária, o curso de literatura afro-brasileira visou atender aos pilares que constituem e fundamentam tal modalidade, buscando apresentar: *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*, em razão do fato de que parte do público alvo foi composto por graduandos da UEMG e de que houve conexão deste curso de extensão com o grupo de pesquisa da unidade Campanha que trabalha com a história oral advinda de comunidades quilombolas da região sul mineira; *interdisciplinaridade*, uma vez que buscou dialogar com distintas áreas do saber, como a Literatura e os Estudos Culturais, a História e a Pedagogia; *interação dialógica com a comunidade*, pois buscou abranger, como já mencionado, não apenas os alunos dos cursos de Pedagogia e História da UEMG, mas também os alunos de ensino médio da rede pública e privada, bem como os interessados

pela temática: professores, escritores e demais estudiosos sobre o assunto; *impacto na formação do aluno*, na medida em que este passa a compreender os modos de subjetivação do sujeito pela arte, abrindo, assim, possibilidades de conhecimento e expressão que vão além do universo acadêmico e profissional; *impacto social*, porque visou trazer para discussão e conhecimento a presença do negro enquanto produtor de literatura. Essa importante expressão artística é capaz de registrar e de inscrever a expressão de um povo de origem africana que não apenas deixou suas marcas no Brasil, mas, sobretudo, que também originou e constitui a nação brasileira.

Diante de tais justificativas que demonstram a relevância do curso de extensão em questão, estabeleceu-se, como objetivo geral, conhecer e valorizar a produção literária desenvolvida por sujeitos afro-brasileiros, bem como (des)construir um imaginário sobre a produção literária, indo além do academicismo literário.

É evidente que conhecer *todos* os autores afro-brasileiros, ao longo da história nacional até o presente momento, é uma tarefa impossível, dado ao fato de que muitos dos sujeitos escritores permaneceram e ainda permanecem no anonimato. Além disso, teríamos um curso inacabado, uma vez que demandaria uma carga horária infinda. No entanto, longe de tal pretensão e ciente da impossibilidade de se abordar toda a gama de escritores afro-brasileiros, o objetivo geral do curso foi diluído nos seguintes objetivos específicos: apresentar a biografia de um grupo previamente selecionado de escritores afro-brasileiros que marcaram a literatura nacional ao longo de três séculos: XIX, XX e XXI; apresentar e discutir parte da produção literária dos autores afro-brasileiros selecionados; reunir um grupo composto por sujeitos advindos de diversos nichos sociais para que, juntos, possam conhecer, discutir e ressignificar a produção literária afro-brasileira.

A metodologia do referido curso de extensão contou com reuniões mensais, aos sábados, de agosto a dezembro de 2018, que propiciaram, de forma intercalada, aulas expositivas, apresentações, debates, análises e apreciações de vídeos e expressões literárias em prosa e poesia. Tais atividades foram divididas em cinco reuniões com a duração média de 4 horas cada uma. Ainda, como o curso

dependia da leitura prévia das obras a serem discutidas, foi incluída na metodologia uma carga horária destinada à leitura. Dessa forma, o curso totalizou em 40 horas: 20 horas presenciais e 20 horas à distância. Os encontros foram realizados no UAITEC em parceria com a UEMG, unidade Campanha, que disponibilizou o uso de uma sala multimídia para 30 pessoas.

Assim, com a finalidade de apresentar o desenvolvimento do referido curso de extensão, o presente capítulo abordará, na primeira seção, uma breve reflexão sobre os percalços enfrentados pela literatura afro-brasileira. Já na segunda seção, serão apresentados os encontros realizados ao longo do curso, buscando apontar, de maneira geral, como o curso se desenvolveu e de que forma pôde contribuir para a (re)significação da literatura afro-brasileira. E, em seguida, as considerações finais que visam apontar, sucintamente, os resultados do referido curso.

1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ENTRE O APAGAMENTO E A RESISTÊNCIA

No cenário artístico brasileiro atual, sobretudo o literário, ainda no século XXI, encontramos uma representatividade afro-brasileira pouco divulgada. Infelizmente, a produção e a leitura de obras escritas por sujeitos afro-brasileiros ainda vêm encontrando barreiras para que possam obter a devida legitimidade junto aos clássicos consagrados e essa questão, como se sabe, se dá, basicamente, por três motivos aparentes.

O primeiro remonta ao fato de que, por mais de 300 anos, o negro foi proibido de participar da sociedade como cidadão e, com isso, sua arte literária foi apagada durante esse período e muito se perdeu por grande parte dessa produção artística se constituir, também, de forma oral. O outro ponto que leva a sociedade, de modo geral, a ter um olhar menor para com a literatura produzida por negros é justamente o reflexo de tantos anos de discriminação e marginalização.

Mesmo após a escravidão, o negro chegou tardiamente aos bancos escolares, o que nos leva a compreender que a sociedade brasileira pouco ou nada incentivou o sujeito negro, em seu processo de escolarização, a arte da escrita literária, ou mesmo ofereceu subsídios para alguma produção artística.

Nesse viés, o terceiro motivo para a pouca representatividade do sujeito afro-brasileiro enquanto escritor é o fato de que a prosa e a poesia, ainda que com o advento da liberdade de expressão dos modernistas de 1922, se configuram, até os dias de hoje, em uma expressão artística elitizada, classista, produzida e consumida para e por poucos.

Nesse contexto, o sujeito afro-brasileiro fica quase que exclusivamente de fora, tanto das rodas culturais quanto da escrita literária. A esse respeito, Silva (2002, p. 294) nos traz que “é certo (...) que a imagem do homem negro-africano aparece de maneira bastante rarefeita na literatura produzida no planalto central. Certíssimo é que tal constatação é válida para a quase totalidade da literatura brasileira”.

Contrapondo esse cenário excludente em que a divulgação e exaltação da produção literária se dá, é sabido que há resistência e, com ela, a criação literária por grupos de negros e afrodescendentes. No entanto, a produção massiva de tais grupos, não raro, é a partir do gueto, da marginalização, ficando o negro a produzir suas letras e histórias à margem de outros grupos sociais que aparecem para o grande público. Isso, claro, não significa que tal produção seja inferior no quesito expressividade, qualidade, subjetividade, poética etc. Não, não é. Mas denota apagamento, silenciamento, censura da voz literária de um grupo que é relegado a apenas um lugar de fala, o da exclusão. Sobre isso, Lajolo (1995) nos ensina que, em meio à resistência,

Os textos a que a tradição reserva o nome de literatura, embora nascendo de uma elite e a ela dirigidos, não costumam confinar-se às rodas que detêm o poder. Transbordam daí e, como pedra lançada às águas, seus últimos círculos vão atingir as margens, ou quase. Seus efeitos, a inquietação que provocam, podem repercutir em camadas mais marginalizadas, mais distantes dos círculos oficiais da cultura. É desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura

com a realidade diária dos homens que a literatura assume seu extremo poder transformador (LAJOLO, 1995, p. 65).

Esses apontamentos podem ser observados na música, expressão artística de inegável produção, amplitude e aceitação, como o funk, o rap, o hip-hop, mas que, por muito tempo, foram músicas produzidas por e para grupos muito específicos, geralmente, advindos de nichos sociais desfavorecidos economicamente.

Reforçando os apontamentos sobre o apagamento e o silenciamento de escritores negros e/ou afro-brasileiros, pode ser citada, por exemplo, a ausência de menção a esses autores em materiais didáticos escolares, que não apresentam os escritores negros da contemporaneidade. A escola, como se sabe, é um local privilegiado para que a divulgação e, mais ainda, para que a legitimação de autores e obras aconteça. De acordo com Lajolo (1995),

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A instituição escolar é das que há mais tempo e com maior eficiência vêm descumprindo o papel de avalista e fiadora da natureza e valor literários dos livros em circulação (LAJOLO, 1995, p. 18).

Como exemplo disso, podem ser observados os materiais didáticos escolares que, não raro, encerram a literatura a autores e obras já consagrados e pertencentes a um imaginário de literatura clássica brasileira. Conforme elucida Lajolo (1995, p. 19), historicamente, houve um sucessivo acúmulo de “competências que foi (sic) dotando a escola de um poder de censura – em nome do bom gosto – sobre a produção literária”.

Sabe-se que autores afro-brasileiros existem. Sabe-se que há negros e afrodescendentes produzindo literatura. Sabe-se, ainda, que esses sujeitos têm muito a dizer, muito a poetizar, dramatizar e prostrar sobre as questões de nosso tempo, mas, muitos continuam relegados ao gueto, à arte produzida à margem, no anonimato.

Se tal espaço social, o escolar, destinado ao aprendizado, não menciona, não oferece a abertura de sentidos para a exposição de expressão artística produzida por públicos distintos, de diversos nichos sociais, a reprodução do conceito de arte enquanto uma manifestação advinda de autores que desfrutam de um certo lugar de privilégio certamente silenciará as demais produções. Tal silenciamento tem suas repercussões. Uma delas é a de que a arte, seja literária ou não, só pode ser concebida enquanto arte se for produzida por sujeitos com alto grau de erudição. Essa formulação, presente no imaginário coletivo, produz efeitos de sentidos que silenciam aquele sujeito que não detém uma formação tida como necessária para se produzir uma expressão artística como a literatura.

Mas, certamente, esse silenciamento não ocorre apenas pelos materiais didáticos. Podemos citar o fato de que muitos saraus apresentam e reproduzem a poética criada e desenvolvida dentro das academias de Belas Artes. Tal questão coloca a expressão artística literária legitimada distante do sujeito advindo de uma classe social menos favorecida e, assim, a sua produção realizada fora de um padrão da língua tida como culta é, não raro, considerada com menor prestígio.

Diante desse panorama excludente, o curso de extensão sobre a literatura afro-brasileira buscou propiciar, em seus encontros, a valorização da produção literária desenvolvida por sujeitos negros e afrodescendentes brasileiros em uma tentativa de diminuir o preconceito e de legitimar os escritores de fronteira de ontem e de hoje, como será possível observar na seção seguinte.

2 A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O curso intitulado *Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte* foi construído com o propósito de levar à comunidade campanhense maior conhecimento sobre a produção literária do sujeito afro-brasileiro. Houve grande interesse para que fossem apresentadas obras escritas *por* sujeitos afro-brasileiros e não *sobre* tais sujeitos. Sabe-se que, em inúmeras obras, o sujeito afro-brasileiro

aparece como um personagem menor, inferiorizado e sem assumir o lugar de protagonista. Diante disso, não interessou à proposta do referido curso uma literatura escrita por brancos em que o negro aparece de forma subalterna, mas, sim, uma literatura escrita pelo sujeito negro que, enquanto escritor, é também protagonista de suas próprias histórias.

Sobre esse ponto, o crítico literário Alfredo Bosi (2002, p. 20-21) aponta que há duas formas de considerar a relação entre os excluídos e a escrita: “a primeira (...) consiste em ver o excluído social ou marginalizado como objeto da escrita. Objeto compreende temas, personagens, situações narrativas”. Já em outra perspectiva, a segunda maneira, conforme aborda o autor, “em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: *o excluído enquanto sujeito do processo simbólico*”. Diante disso, tomando o sujeito afro-brasileiro pertencente ao grupo de excluídos, justamente por fazer parte da minoria do conjunto social pelo preconceito recorrente há séculos, como já mencionado, o referido curso pretendeu dar enfoque ao sujeito afro-brasileiro enquanto sujeito do processo simbólico, isto é, produtor de materialidade discursiva literária e não como mero objeto sobre o qual a literatura fala.

Após esse primeiro esclarecimento, é preciso apontar outra questão fundamental que norteou grande parte do referido curso: a cultura de fronteira. De acordo com Bosi (2002), a cultura de fronteira é um termo utilizado para marcar a passagem da expressão literária oral para o texto escrito em letra de forma, fazendo com que seus produtores, geralmente cidadãos excluídos socialmente, saíssem do anonimato e assumissem a condição de autores individualizados.

Sobre isso, Bosi (idem) observa que

[...] exemplo notável, e já plenamente urbano, de cultura de fronteira é o de uma favelada, apenas alfabetizada, que registrou o seu cotidiano em um diário pungente, publicado em 1960 com o título de *Quarto de Despejo*. Falo de Carolina de Jesus, cuja obra foi traduzida para as principais línguas cultas do mundo, reproduziu-se amplamente e atingiu um milhão de exemplares (BOSI, 2002, p. 22).

Assim, é fundamental que se considere, em um curso voltado para a Literatura afro-brasileira, as rupturas sócio-históricas que influenciaram e que continuarão a influenciar as rupturas literárias. Anteriormente, como é sabido, a produção artística das minorias era excluída dos registros oficiais e não havia a menor possibilidade de uma mulher ou de um escravo, por exemplo, publicar suas produções. Sobre esse ponto, Lajolo (1995, p. 49) questiona: “se muitos documentos registram o que Horácio pensava da poesia, onde estão os documentos que registram o que pensavam dela a mulher e os escravos do poeta?”. No entanto, mesmo que com tamanha distância temporal, do final do século XX para o XXI, assistimos a um considerável número de sujeitos que saíram do anonimato e que tiveram condições para virem a público apresentar sua produção literária. E, diante disso, esse curso pretendeu apresentar autores que conseguiram, de alguma forma, romper com o tradicionalismo elitista e alcançar o público leitor.

Dessa maneira, foi selecionado, para o curso de Literatura afro-brasileira, um grupo de autores afro-brasileiros da prosa e da poesia do século XIX ao XXI. Embora o curso tenha uma carga horária pequena, foi possível apresentar parte da produção literária de 7 autores ao longo dos cinco encontros. Para demonstrar, brevemente, como se deram os encontros, as subseções a seguir explicitarão o conteúdo abordado, bem como as atividades e análises realizadas.

2.1 Primeiro encontro

Para iniciar o primeiro encontro com os participantes, antes mesmo de apresentar os autores que seriam estudados ao longo do curso, foi fundamental apontar algumas questões para que se pudesse desconstruir o imaginário artístico, como vimos na seção anterior. Dessa forma, as seguintes perguntas foram postas para uma discussão inicial: o que é Arte? Quem confere legitimidade a uma obra de arte? Como podemos compreender a Literatura? De que forma o contexto sócio-histórico pode influenciar a produção literária? Qual a relação do sujeito com a Literatura? E, ainda, quem pode produzir a arte literária?

Embora não houvesse demasiado tempo para o aprofundamento de tais questões, o debate seguiu acalorado, com visões e pontos de vista distintos. Uma parte dos participantes se posicionou sobre a arte enquanto manifestação do belo, tendo a sua legitimidade conferida pelos críticos da época e, ainda, argumentou que a literatura deve ser produzida pelo sujeito letrado e com grande conhecimento literário e de escrita. Assim, disseram que a Literatura, considerada a arte pela palavra, ficaria sujeita ao conceito de arte, sendo produzida por literatos e profundos conhecedores da língua.

Uma outra parte dos participantes discordou dessas ponderações, argumentando que o conceito de belo é relativo, variando de época para época, e que muitos críticos de determinados períodos não conseguiram valorizar uma arte que estava à frente de seu tempo. Ainda, citaram a literatura de cordel como uma expressão literária feita por sujeitos os quais, em muitos casos, não passaram por uma grande escolarização e que podem não dominar a escrita da forma como se concebe como “alto padrão” da língua portuguesa. Diante desses apontamentos, esse grupo chegou à conclusão de que qualquer pessoa, com o conhecimento básico da escrita, poderia produzir literatura. Houve, também, uma terceira parte de participantes que não quis discutir, embora estivesse atenta aos argumentos.

No que diz respeito ao contexto sócio-histórico, todos concordaram que este exerce grande influência na produção literária e, ainda, na relação do sujeito com a Literatura, pois disseram que o momento histórico contribui para o processo de constituição dos sujeitos de seu tempo que, não raro, mesmo que resistentes, ficam sujeitos a governos, regimes, tecnologias etc.

Foi bastante interessante ouvir os posicionamentos para que se pudesse iniciar o curso. Houve a necessidade de se desconstruir o imaginário de que a arte e, por conseguinte, a produção literária, não caberia apenas ao conceito greco-romano de beleza, razão e perfeição. Esses conceitos estão, há séculos, arraigados no imaginário coletivo, justamente pela nossa formação cultural que confere ao academicismo a legitimidade de produzir e julgar o que é arte. Foi apontado que, se partissem do pressuposto de que quem produz literatura é apenas o sujeito que obtém grande formação acadêmica, estariam sendo apagadas todas as produções artísticas de milhares de sujeitos que, por não

terem essa oportunidade, não seriam capazes de escrever e produzir literatura. Ademais, se todos concordaram que o contexto sócio-histórico exerce grande influência no processo de criação literária, logo, estaria anulado o argumento de que só os que têm acesso aos bancos escolares poderiam produzir textos literários.

Após esses e outros apontamentos, foi percebido que, embora contrariados, a parte dos participantes do curso que demonstrou um olhar mais elitista para a literatura seguiu interessada e, ao menos, aberta para ouvir e participar do curso. Sobre essa postura, é interessante colocar que, se tais sujeitos tiveram o interesse de participar de um curso que buscava tratar da representatividade do sujeito afro-brasileiro, de alguma forma, estariam preparados para desconstruírem um imaginário artístico que leva à segregação.

Dando continuidade, foi dito que os autores que seriam estudados durante o curso pertencem tanto ao grupo de escritores consagrados quanto ao grupo de escritores marginalizados, ou seja, à margem de um dizer cultural elitista. E que, ainda, mesmo aqueles autores afro-brasileiros que pertencem aos bancos dos imortais da Academia Brasileira de Letras não deixaram de sofrer pela condição racial em um país cuja história é marcada pela escravidão e pelo preconceito. Dessa forma, todos os participantes deveriam se abrir para uma escrita fora do habitual acadêmico, tanto pelas temáticas que seriam abordadas pelos autores quanto pela língua empregada nos textos.

Assim, o curso prosseguiu e, na medida em que os autores eram apresentados e estudados, foi possível perceber grande entrosamento da turma, que se demonstrou interessada em conhecer não só a produção literária dos autores, mas também suas histórias de vida.

Após as discussões iniciais, foi apresentado o primeiro autor afro-brasileiro da prosa do século XIX, talvez o maior escritor brasileiro que já tivemos em nossa história literária: Machado de Assis. Mulato, gago, epilético e morador do Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, Machado de Assis teve que lutar

contra o preconceito de sua época. Muitas vezes autodidata, esse escritor venceu inúmeras barreiras para conseguir estabilidade e notoriedade.

Além de assistirem a um documentário² sobre a vida e a obra do autor, os participantes leram e analisaram a crônica “Abolição e Liberdade”, escrita em 19 de maio 1888 e publicada no jornal carioca Gazeta de Notícias. Nessa crônica, a fina ironia de Machado de Assis e a costumeira crítica feita à sociedade de seu tempo estão presentes.

A leitura e a análise da referida crônica machadiana foram de suma importância, pois todos os participantes enxergaram a veia artística do autor para além das obras básicas lidas no ensino médio: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881) e “Dom Casmurro” (1899). Além disso, a representatividade do sujeito afro-brasileiro enquanto escritor demonstrada pela pessoa de Machado de Assis, escritor insuperável, auxiliou na quebra de paradigmas, pois muitos dos participantes não conheciam sua origem racial e social.

2.2 Segundo encontro

O segundo autor da prosa a ser trabalhado, na transição do século XIX para o XX, foi Lima Barreto. Esse autor teve a sua vida marcada pela exclusão social e racial em uma sociedade que tinha acabado de abolir a escravidão. Morreu precocemente, aos 41 anos, mas deixou grandes obras fundantes para a literatura nacional. Com o olhar visionário e extremamente crítico, Lima Barreto abordou, em suas obras, temáticas como a reforma agrária, o preconceito racial vivenciado pelos negros, e fez duras críticas ao regime militarista e ao cientificismo da época.

Assim como trabalhado anteriormente, os participantes do curso assistiram a vídeos³ sobre a vida e obra do autor. Além do grupo discutir os pontos principais das obras “Memórias do Escrivão Isaías Caminha” (1909), “Triste Fim de Policarpo Quaresma” (1915) e “Clara dos Anjos” (1948), houve maior

aprofundamento sobre o conto “O Homem que sabia Javanês” (1911), leitura anteriormente sugerida para discussão.

O trabalho sobre a vida desse autor e sua obra foi de suma importância para que o grupo pudesse compreender não apenas o período vivido pelo autor, marcado por inúmeras revoluções, mas, principalmente, pela militância política, social e racial presente em suas obras. No referido conto analisado, os participantes puderam observar, entre outros pontos, a forma com a qual Lima Barreto utilizou a linguagem, criticando o eruditismo e antecipando os ideais modernistas no que se refere à liberdade de expressão quanto ao uso da língua.

Ainda nesse segundo encontro, foi apresentado o terceiro autor e o primeiro poeta negro do século XIX: Cruz e Sousa. Filho de escravos alforriados, criado e educado pelo antigo senhor de seus pais, também teve sua morte prematura aos 36 anos. Embora tenha deixado uma vasta obra inscrita pelo Simbolismo (estética artística que valorizou o culto ao vago, ao etéreo e às impressões inefáveis), Cruz e Sousa não deixou de expressar seu sofrimento frente a uma sociedade marcada pelo preconceito racial. Desse autor, além do vídeo⁴ sobre a vida e a obra, foram lidas e analisadas as poesias “Antífona” (1983), “Cárcere das almas” (1905), “O Assinalado” (1905), “Ironia de lágrimas” (1905) e “Livre” (1905), que expressam a sua fixação pela cor branca e grande sentimento de dor e de incompreensão diante da sua negação pela sociedade da época.

É importante observar que, mesmo com uma produção literária de Cruz e Sousa voltada para os ideais simbolistas, os participantes do curso conseguiram apreender sua forte subjetividade, muitas vezes, motivada pelos eventos e perdas sofridos. Sua história de vida emocionou todo o grupo que viu um sujeito extremamente inteligente ser espezinhado pelo preconceito racial de sua época. Mas, a despeito de todo o seu sofrimento, Cruz e Sousa foi capaz de deixar uma rica produção poética e obter, postumamente, o devido reconhecimento nacional e internacional.

2.3 Terceiro encontro

O terceiro encontro se deu com a apresentação da vida e obra de Carolina de Jesus, mulher negra e favelada. Sua história de vida, em meados do século XX, é marcada pela luta cotidiana pela sobrevivência. As suas obras refletem a brutalidade social vivida pela autora, demonstrando o cenário de desigualdade, o apagamento de minorias e, ainda, apresentando muitas reflexões sobre a condição humana.

Assim como foi trabalhado sobre os demais autores, também foram apresentados vídeos⁵ sobre a vida e a obra de Carolina de Jesus. Ainda, a obra em prosa “Quarto de Despejo” (1960), lida previamente pelo grupo, foi discutida e analisada nesse encontro. É interessante apontar que, embora a obra não siga os padrões formais da língua portuguesa, o grupo compreendeu que esse ponto, geralmente muito criticado, em nada comprometeu a obra. Ao contrário, suas marcas linguísticas e a sua desenvoltura para construir a narrativa de sua vida em forma de diário permitiram ao leitor adentrar em sua vida e compartilhar seus desejos, alegrias, bem como suas frustrações e revoltas. A referida história é um exemplo de força, coragem e empoderamento diante das adversidades: a fome, a vida na favela, o abandono político e social.

A leitura e o debate da referida obra de Carolina de Jesus foram fundamentais para que o grupo de participantes do curso pudesse refletir sobre a noção que remete à literatura de fronteira, também marcada pela persistência e resistência diante de uma sociedade preconceituosa e desigual. Além disso, houve grande reflexão por parte dos participantes sobre o fato de que, mesmo tendo atingido reconhecimento mundial, as obras de Carolina de Jesus sequer são mencionadas nos materiais didáticos de literatura, mesmo a obra “Quarto de Despejo” fazendo parte da coletânea cobrada no vestibular da UNICAMP.⁶

Sobre tal ponto, foi discutido que, a despeito desse apagamento, cabe, também, ao professor e aos alunos, a busca por essa literatura outra que vai além dos autores consagrados e dos cânones literários. Nesse momento, foi observado que a crítica literária nem sempre atua a favor da Literatura,

mas, não raro, a favor de um grupo específico que insiste em deixar de fora as obras que fujam do itinerário acadêmico.

2.4 Quarto encontro

A primeira parte desse encontro contou com o estudo da vida e obra de Giovane Martins, escritor jovem que, mesmo tendo estudado até a oitava série, é autor de obras premiadas. Giovane Martins é mais um exemplo de literatura de fronteira. Nascido no início dos anos 90, esse autor afro-brasileiro vivenciou as dificuldades das favelas em que morou, no Rio de Janeiro, e também viu de perto o preconceito não só por sua origem social, mas também racial. Seus escritos ganharam maior repercussão em 2015 quando participou da Feira do Livro de Parati (FLIP) e, em 2017, dois anos mais tarde, foi convidado para retornar à FLIP e, nessa ocasião, assinou um contrato com a Companhia das Letras para que houvesse a publicação de seu primeiro livro: “O sol na cabeça” (2018).

Tal livro é composto por contos que narram histórias da vida de jovens nascidos e criados nas favelas cariocas: suas angústias e dificuldades em meio a um ambiente urbano violento, mas também suas conquistas e alegrias, próprias da juventude. Com uma linguagem ora despojada, ora formal, Giovani Martins apresenta cenas realistas do cotidiano carioca, mesclando a vida na favela e fora dela.

Para que pudéssemos trabalhar com a história de vida e obra desse autor, foram vistos documentários⁷ e foi lida a referida obra citada, “O sol na cabeça”. Diferentemente dos outros encontros, cada dupla deveria apresentar um dos contos presentes na obra e fazer a análise crítica. Houve grande envolvimento dos participantes, que encontraram, na obra de Giovani Martins, cenas inesperadas, suspense, tensão, reflexões existenciais e grande crítica ao preconceito racial e social.

Sem dúvida, o grupo de participantes do curso pôde conhecer um escritor contemporâneo de seu tempo e ler uma obra muito próxima, verossímil do cotidiano brasileiro vivido nos grandes centros urbanos. Essa obra, lida e discutida, fez com que os participantes vissem uma parte do que o sujeito

afro-brasileiro de hoje tem a dizer de seu universo que é, muitas vezes, apagado e diminuído em e por outras esferas sociais.

Esse olhar para a escrita do sujeito afro-brasileiro contemporâneo foi estendido na segunda parte desse encontro, com o lirismo poético de Luiz Cláudio de Paulo, poeta negro, mineiro, contemporâneo, que encontrou, na poesia, uma forma para expressar seus sentimentos e reflexões. As poesias de Luiz Cláudio de Paulo, presentes no livro “Poesia Ponte Aérea” (2012), são divididas em momentos de passagem.

A primeira parte, intitulada “Decolagem”, e a terceira, “Viagem 2 – Bela Paisagem”, apresentam poesias que refletem a vida no interior mineiro. As lembranças do eu lírico sobre Lafaiete, Queluzito, Itabira, entre outras, e as peculiaridades familiares desses locais fizeram com que os participantes, em sua maior parte constituída por mineiros advindos do interior, pudessem encontrar pontos de identificação.

A segunda parte da obra, “Viagem”, apresenta poemas que relembram a vida do eu lírico na capital mineira, Belo Horizonte. Nesse momento, as novidades da capital, sua abertura cultural e demais possibilidades presentes em uma cidade grande estão ao lado dos problemas existentes, como a fome e a mendicância, em um local misturado com o deslumbramento e com a dura realidade percebidos aos olhos do eu lírico.

A quarta parte, “Turbulência”, expressa momentos críticos vivenciados e/ou refletidos pelo eu lírico. Nesse momento, há a dor demonstrada pela exclusão, pela miséria, pela solidão, pelos vícios. Há uma grande reflexão existencial aliada à crítica social.

A quinta e última parte da obra de Luiz Cláudio de Paulo, “Pouso”, apresenta um eu lírico mais maduro, já fora dos momentos de turbulência. No entanto, dá-se continuidade à veia reflexiva e crítica. Ainda, o eu lírico expressa a autoafirmação e a valorização de suas vivências e experiências.

Sem dúvida, a leitura dos poemas de cada parte da obra auxiliou os integrantes do curso a refletirem sobre algumas passagens da vida: nascimento, juventude e amadurecimento. Ou, ainda, deslumbramento, revolta, resistência e autoaceitação. O lirismo de Luiz Cláudio de Paulo inegavelmente é uma expressão do sujeito afro-brasileiro que, a despeito do preconceito racial, encontra, na força interior e familiar, uma saída para superar as adversidades socioculturais.

2.5 Quinto encontro

O último encontro buscou discutir a vida e a obra da autora mineira Ana Maria Gonçalves, mulher negra que abandonou a profissão de publicitária para se dedicar à literatura. Viveu parte de sua vida no exterior, no entanto, sempre esteve ligada aos acontecimentos brasileiros, militando em favor da igualdade racial. Ana Maria Gonçalves, autora contemporânea e hoje residente em Salvador, Bahia, tem seu projeto literário voltado para reflexões sobre as condições históricas que acarretaram o racismo e demais formas de discriminação.

Para trabalhar as características de suas obras e conhecer um pouco mais sobre a sua vida, foram assistidos documentários⁸ e foi discutida a sua obra “Um defeito de cor” (2006). Escrita em prosa, a referida obra, embora literária, narra acontecimentos históricos brasileiros durante o século XIX. Quem narra o romance é Kehinde, uma mulher africana que, ainda criança, veio para o Brasil como escrava em um navio negreiro. Essa história emocionante demonstra um forte discurso sobre o processo de escravidão e suas marcas deixadas nos sujeitos afro-brasileiros de ontem e de hoje.

Essa obra poderosa e marcante, aliada à história de vida de Ana Maria Gonçalves, foi fundamental para que os participantes pudessem compreender a luta secular do sujeito afro-brasileiro para conquistar respeito e igualdade. Os participantes do curso se emocionaram com a vida de Kehinde, acompanharam suas perdas familiares ainda em solo africano e, depois, no navio negreiro; sua chegada ao Brasil, sua adolescência marcada pela escravidão e abusos sexuais; e, ainda, a sua garra para se tornar livre e poder retornar à África, anos mais tarde. Mais do que uma obra com fatos históricos,

“Um defeito de cor” mostra as mazelas da escravidão através da vida de Kehinde, o que aproxima o sujeito leitor dos dramas enfrentados por todos aqueles que tiveram suas vidas roubadas ao longo do processo de escravidão.

Após o debate sobre a referida obra, a segunda parte do curso se deu com a apreciação crítica do grupo em relação ao curso e, além disso, em relação à necessidade de abertura para que os sujeitos afro-brasileiros se inscrevam pela literatura e possam atravessar a zona da exclusão e marginalidade para alcançar a legitimidade também enquanto escritores.

Esse último encontro foi fundamental para que o grupo pudesse retomar os momentos vivenciados ao longo dos encontros que buscaram abordar uma gama, ainda que pequena, de escritores afro-brasileiros do século XIX até a contemporaneidade. Assim, os participantes elencaram os elementos mais significativos que giraram em torno de aprendizagens, autores, leituras e, principalmente, da desconstrução e da necessidade de dar visibilidade ao que o sujeito afro-brasileiro tem a dizer, em deixar que este se inscreva enquanto sujeito do processo simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organizar e ministrar esse curso sobre a Literatura Afro-brasileira foi de suma importância para que houvesse o conhecimento e a valorização dos autores afro-brasileiros da prosa e da poesia abordados, pois grande parte dos participantes nunca tinha ouvido falar de alguns autores e obras trabalhados no curso. Muitos dos alunos jamais tinham pensado na literatura de fronteira e na necessidade da legitimidade de obras produzidas por sujeitos afro-brasileiros. Além disso, foi nítida a desconstrução sobre a produção literária brasileira e a abertura para se considerar obras inscritas por uma linguagem outra, para além dos padrões acadêmicos da língua. Isso fez com que houvesse uma maior aproximação não apenas entre leitor e texto literário, mas também uma possibilidade de produção literária, uma vez que a escrita artística não deve se prender aos moldes gramaticais.

Os alunos do ensino médio e até mesmo os professores confessaram jamais terem visto, nos materiais didáticos, a inclusão de autores afro-brasileiros que não aqueles já consagrados, como Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Ainda, os professores disseram que o curso foi de grande relevância para que possam levar para a sala de aula os autores afro-brasileiros para que seus alunos possam conhecê-los, a despeito da ausência deles nos materiais didáticos.

Os graduandos do curso de História abordaram a importância das obras literárias afro-brasileiras para que se possam ensinar diversos conteúdos sobre a história do Brasil e seu processo de formação. Além disso, os graduandos de Pedagogia disseram ter grande interesse em pesquisar obras infantis escritas por sujeitos afro-brasileiros para que, desde os primeiros anos de escolarização, os alunos possam conhecer e valorizar tais artistas. Diante disso, pôde ser percebido que a prática pedagógica, no que diz respeito ao ensino de Literatura e de História, tanto na escola pública quanto na particular, será repensada e, quem sabe, reconstruída para que haja, também no espaço escolar, a legitimidade dos autores afro-brasileiros.

É importante, ainda, mencionar que outros participantes, artistas e demais interessados na produção literária brasileira contribuíram imensamente com seus comentários e análises, pois muitos destes já conheciam os autores trabalhados e puderam compartilhar, ainda, na indicação de outras obras escritas por sujeitos afro-brasileiros.

Sobre esse ponto, gostaria de finalizar este capítulo dizendo que, embora o curso tenha obtido êxito, ainda assim, foram poucos os autores e obras trabalhadas. Cabe, então, a constante pesquisa e engajamento para que possamos todos ampliar nosso conhecimento a respeito da produção literária afro-brasileira para que a sua legitimidade seja, de fato, uma marca do presente século.

Referências

- ASSIS, Machado de. Abolição e Liberdade. *In*: AGUIAR, José (Org.). **Obra Completa**. Vol. III. 3ª edição. José Aguilar, Rio de Janeiro. 1973. p. 489-491.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Editora Record, s/d.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Editora Escala, 2008.
- BARRETO, Lima. O Homem que sabia Javanês. *In*: **Os Melhores Contos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. *In*: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002 (Ensaio).
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1960.
- LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 17ª ed. 1995.
- MARTINS, Giovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PAULO, Luiz Cláudio de. **Poesia Ponte Aérea**. Conselheiro Lafaiete: Liga Ecológica Santa Matilde, 2012.
- SILVA, Manuel de Souza e. Vozes e Ecos da Negritude: panorama visto do cerrado. *In*: CANIATO, Benilde; MINÉ, Elza (Orgs.) **Abrindo Caminhos**: uma homenagem a Maria Aparecida Santilli. Coleção Via Atlântida, nº 2: São Paulo, 2002, p. 292-307.
- SOUSA, Cruz e. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

Nota de fim

- 1 Doutora em Ciências da Linguagem e docente designada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) para lecionar nos cursos de Pedagogia, História e Processos Gerenciais da unidade de Campanha/MG.
- 2 Documentário produzido pela TV Escola: “Machado de Assis – A vida é boa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HI7OgwwNJ2Q>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 3 Documentário produzido pela TV Escola: “Lima Barreto – Mestres da Literatura”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3lICysz8il>. Acesso em: 10 jun. 2018. E vídeo produzido pela FAPESP: “Lima Barreto: intérprete do Brasil pós-abolição”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ssUZA4VU2-s&t=13s>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 4 Programa apresentado pela TV Brasil: “João da Cruz e Sousa – De Lá Pra Cá”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z72-Gf6ch4c&t=3s>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 5 Documentário produzido pela Nação TVE: “Carolina de Jesus – Parte 1”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2ll>. Acesso em: 10 jun. 2018. E vídeo produzido pelo Canal Futura: “Carolina de Jesus, fenômeno editorial no início dos anos 60 – Jornal Futura”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PucTtvFtDBA&t=2s>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 6 Reportagem publicada pela Universia Brasil, em 2017: “Livro de Carolina de Jesus é leitura obrigatória da Unicamp.” Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2017/05/10/livro-de-carolina-de-jesus-e-leitura-obrigatoria-da-unicamp>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 7 Vídeo produzido pela TV PUC-Rio: “A literatura vigorosa de Geovani Martins”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDbpGHJy3jA&t=5s>. Acesso em: 10 jun. 2018. E Programa Trilhas e Letras produzido pela TV Brasil: “Jovens na periferia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l17iTcbFT6E&t=10s>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- 8 Vídeo produzido pela Editora Record: “Um defeito de cor – Ana Maria Gonçalves”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XRXCqF_2huk. Acesso em: 12 jun. 2018. E vídeo produzido pelo canal Imagem pela Palavra: “Ana Maria Gonçalves – Imagem da Palavra – Parte 1”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DEVFpFWLSNk>. Acesso em: 12 jun. 2018.